

## FOGO MORTO: O FEMININO EM TRANSFORMAÇÃO EM FINS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX

Naiara Leonardo Araújo – PET-História/UFCG  
nayara\_araujo1990@hotmail.com

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho, inspirado na disciplina de História do Nordeste do curso de História da UFCG, teve início a partir da observação e levantamento de vários questionamentos acerca das figuras femininas apresentadas por José Lins do Rego em seu livro *Fogo Morto*. Ao longo da leitura de seu livro íamos nos deparando com mulheres representando as diversas classes sociais, e econômicas, por conseguinte, em uma época de decadência dos engenhos de açúcar, fins do século XIX e início do XX. O nordeste agora convivia com as usinas e os engenhos que ainda existiam nesse período em sua maioria eram engenhos de “fogo morto”, assim chamado por não realizarem mais o processo de fabricação dos derivados da cana comumente feitos em tempo anteriores e agora dedicados a serem produzidos nas usinas com suas máquinas. Assim, os engenhos se sustentavam basicamente extraindo a cana e vendendo sua matéria prima para as usinas.

Dessa forma, a partir dos modelos femininos buscaremos entender como se processava as transformações na sociedade em decadência e como suas identidades iam se adaptando as novas necessidades. Mas antes de observarmos tal temática propriamente dita começaremos por falar um pouco sobre o autor e algumas de suas obras, dando destaque para *Fogo Morto*, fonte de nossa pesquisa.

### AUTOR E OBRAS

José Lins do Rego Cavalcanti nasceu em 1901, na Paraíba, mas viveu boa parte de sua vida na cidade de Recife. Formou-se em Direito nesta cidade e em seguida se

transfere para o Rio de Janeiro em 1936, local onde morreria em 1957. Foi um notável escritor, membro da Academia Brasileira de Letras e teve várias de suas obras traduzidas para inúmeros idiomas. Dentre seus livros de destaque estão *Menino de Engenho*, *Usina*, *O Moleque Ricardo*, dentre outros que relatam a vida nos engenhos de açúcar, tendo em *Fogo Morto* o relato da decadência porque passava os engenhos. Nos últimos anos de sua vida escreveu *Meus Verdes Anos*, um livro de suas memórias. Seus livros costumam ser divididos em duas fases, aqueles que falavam sobre os engenhos e aqueles que se dedicaram a falar do ambiente rural. Nesta fase podemos citar *Pureza*, *Água Mãe*, *Pedra Bonita*, etc.

*Fogo Morto*, escrito depois de algum tempo em relação ao último livro da fase do ciclo de açúcar e retomando tal temática, foi publicada em 1943 sendo a última obra do regionalismo neo-realista surgido nos anos 30. A idealização de tal movimento pretendia inicialmente criar para o Brasil uma identidade que fosse dita brasileira e para isso a valorização do regional, do índio, passam a ser apresentados nas obras. Contudo, vale acrescentar que o movimento modernista em seus primeiros momentos visava à construção de uma identidade nacional enquanto que Gilberto Freire com o movimento regionalista de 1930 almejava a valorização da cultura regional e suas identidades, idéias que serão depois observadas pelos modernistas. Outros nomes que marcaram presença na preservação do regional foram Jorge Amado e Graciliano Ramos. São características presentes em obras regionalistas a preservação da linguagem coloquial, popular, buscando escrever com simplicidade, mas sem fugir muito da norma culta.

*Fogo Morto* trás uma linguagem direta, inspirada em fatos verídicos assim como os anteriores da série chamada por ele de ciclo do açúcar, lembrando, por exemplo, do famoso engenho Santa Rosa, colocando suas memórias em utilização pelos personagens ou mesmo se apropriando das histórias de parentes e amigos. O romance acontece na cidade de Pilar, zona da Mata paraibana, próximo da cidade de Itabaiana, mas a maior parte da história gira em torno do engenho Santa Fé, tendo apenas algumas partes do final se passando na cidade. Na obra temos contato com os anos de 1850 quando vemos um pouco da história da família de D. Amélia e o período áureo do engenho Santa Fé, mas o restante da narrativa gira em torno dos primeiros anos do século XX em relatos de apenas alguns meses. O livro é dividido em três partes, tendo cada uma delas o nome

de um personagem de destaque: José Amaro, Coronel Lula e Capitão Vitorino. Ambas as partes se entrecruzam ao longo de toda a história tendo em vista a participação e relação que os três possuem. Vitorino é compadre de José Amaro, que por sua vez mora nas terras do coronel Lula. José Amaro é um seleiro que chegara à região com seu pai, também seleiro, fugindo da região da Goiânia por estar sendo acusado de matar alguém e ali se estabelecem nas terras do coronel Tomás, coronel dono na época, e nunca pagaram nada pelo uso da terra. Coronel Lula é o senhor de engenho do Santa Fé, casado com D. Amélia, a filha do coronel Tomás. Sob sua administração o engenho decaiu e a sobrevivência de sua família fica basicamente restrita às riquezas que o sogro deixara, indo todo ano retirar alguma quantia em Recife. O capitão Vitorino, ditos por muitos como o personagem mais bem construído da obra, visto como um herói quixotesco, envolvido com a política da região e sempre lutando em defesa dos oprimidos vive andando pelas terras com seu burro buscando justiça e servindo de ponte para o estabelecimento das relações entre todos os personagens. Encontramos ainda marcante na obra a presença dos cangaceiros, com destaque para Antônio Silvino, e confiabilidade que a população já descrente com a polícia dava a esses homens que buscavam justiça com as próprias mãos. Outro ponto bastante interessante é a presença das crenças e mitos que perpassavam a vida dessas pessoas, fortemente marcado pelas simpatias e pela crença de que José Amaro se tornara um lobisomem. Ao longo da leitura somos arrebatados por uma descrição de José Amaro andando no meio da noite, sem destino, com o rosto amarelado, os olhos esbugalhados, dentre outras características, que nos leva a pensar em alguns momentos na possibilidade dele realmente ser um lobisomem, voltando, contudo a realidade, quando observamos a construção imagética que o período permitia. Noites escuras, sem iluminação, as casas distantes umas das outras, em que dificilmente as pessoas saíam à noite. Tudo isso levava as pessoas a terem medo no que poderia estar lá fora no meio da escuridão, do negrume, e o fato de José Amaro passar a fazer passeios noturnos toma a população para tal pensamento.

Agora destacamos em meio aos personagens acima citados as figuras femininas, bastante presente na obra e que viviam nessa época tentando entender as mudanças porque passava as relações ao mesmo tempo em que tentavam conviver com suas

angustias, tristezas e desgraças. Tomaremos como destaque para nossa análise as seguintes personagens: Marta, Sinhá, Olívia e Amélia.

## O CASAMENTO OU O CARITÓ?

Moça era para viver dentro de casa, dar-se a respeito. E Marta foi crescendo e não mudou de gênio. Botara na escola do Pilar, aprendeu a ler, tinha um bom talhe de letra, sabia fazer o seu bordado, tirar o seu molde, coser um vestido. E não havia rapaz que parasse para puxar uma conversa. Havia moças mais feias, mais sem jeito, casadas desde que se puseram em ponto de casamento. Estava com mais de trinta e agora aparecera-lhe aquele nervoso, uma vontade desesperada de chorar que lhe metia medo. Coitada da filha. (REGO, 1987, p. 514)

O trecho acima, retirado do livro *Fogo Morto*, ilustra bem um dos costumes que se tornou freqüente diante da decadência açucareira em tal período, a dificuldade da mulher para conseguir se casar. Marta, filha de José Amaro, é apresentada por José Lins do Rego como uma moça-velha de seus 30 anos que fica constantemente deprimida e não tem nenhum pretendente a vista. Sinhá, sua mãe, para não ficar para o caritó se casa com o pretendente que primeiro lhe aparece, no caso José Amaro, casando-se sem amor como o próprio analisa no livro. Sinhá, sabendo dos horrores porque passaria caso não se casasse acaba se submetendo a um relacionamento sem muita escolha, pois passar da idade de casar e não conseguir tal feito seria sujar o nome da família e ficar desprotegida, pois a mulher nesta época não deveria se envolver nas preocupações ditas masculinas como, por exemplo, o sustento da casa. Enfim, se tornaria uma pessoa difamada, muitos dizendo que ela não conseguia arranjar um marido. Marta, então, filha única de Sinhá, sofre essa realidade e por tal pressão acaba desenvolvendo essas características de nervosismo e tristeza.

Miridan Knox Falci, em seu artigo *Mulheres do Sertão Nordestino* traça os perfis de mulheres existentes em torno do século XIX. As mulheres estavam divididas de acordo com a classe social a que pertencia e sua maneira de vestir-se, de comportar-se, a definia em tal hierarquia. Segundo esse artigo, era recomendado a mulher casar-se

entre os 15 e 18 anos, e caso passasse dos 25 e não estivesse casada seria considerada “moça-velha”, “moça que tinha dado o tiro na macaca” ou no “caritó”. Essa pressão social que a mulher sofria com o passar dos anos e as probabilidades de não casar causava tamanho choque a ponto de notarmos em *Fogo Morto* algo parecido com a loucura da mocidade. As mulheres que chegavam em idade de se casar e não conseguiam com o passar do tempo ia perdendo a noção da realidade, seus sentidos se alteravam rapidamente, uma hora triste em prantos, outra feliz rindo como uma criança quando alguém faz cócegas. E o caso de Marta não é único que encontramos aqui. Temos Olivia, irmã de D. Amélia, moça prendada, que estudou em um dos melhores colégios de Recife e em um determinado momento de sua vida adoeceu quase não conseguindo se recuperar, mas quando melhora e retorna para casa todos percebem que já não tinha o mesmo juízo de antes. Seu pai entristecido se perguntava por que a filha não conseguia se casar e as suspeitas de seu comportamento recaíam também para a ausência de pretendente. Olivia quando melhora é então levada para casa e lá permanece até o fim da obra. No caso de Marta, sua mãe notando a piora da filha a cada dia que passa e resolve mandá-la para um hospital em Recife para interná-la.

As dificuldades econômicas, dessa forma, implicaram diretamente na constituição de famílias, pois não tendo um emprego, uma casa por menor que fosse, um animal, etc., significava para o homem não estar ainda preparado para formar uma família ao mesmo tempo em que não conseguiria o consentimento de nenhum pai. Ainda tem a questão do dote, não citado diretamente em *Fogo Morto*, mas provavelmente existente ainda. Observamos, contudo, que em casamentos de família pobre a preocupação com dote não se fazia presente como observamos com Falci, mas o mesmo não se constituía em prática nas famílias abastadas. Seguindo essa ritualística, então, percebemos que diante da crise econômica a situação para a prática do casamento tanto para o homem quando para a mulher e sua família ficavam prejudicadas e as mulheres ficavam com o futuro incerto, segundo a visão da época. Ou poderia se refugiar dentro do convento, se tornando uma religiosa.

O preparo para o casamento, ou melhor, para a execução do papel de cada um na sociedade – homem e mulher – era diferente desde a educação que recebiam. Enquanto o homem, aqueles que detinham condições favoráveis, estudava latim, matemática, e se

preparavam para fazer um curso de nível superior como Direito ou Medicina. As mulheres, por sua vez, eram incumbidas de aprender a ler e escrever, a bordar, a costurar, as prendas domésticas, e a música. A partir desse panorama podemos notar que a mulheres era educada para cuidar do marido, dos filhos e da casa. Não estava em suas preocupações obter dinheiro, trabalhar fora de casa ou mesmo ficar andando para qualquer lugar desacompanhada. Esta ultima característica com o tempo vai ficando menos importante, bem como menos pratica e principalmente entre as famílias mais pobres pela necessidade ou ausência em acompanhá-las. Podemos observar, seguindo esse modelo, a seguinte passagem do livro:

Tudo que o capitão Tomás pretendeu fazer no Santa Fé saiu como ele quis. Mas a filha que tocava no piano como uma moça da praça, que lia livros bonitos, que lhe custara tanto dinheiro nos estudos, não se casava. E os homens da Ribeira não eram para ela. Não lhe batessem em sua porta filho de João Alves do Canabrava, que ele não dava uma filha em casamento por preço nenhum. Melhor ficar para *titia* do que ligar-se àqueles vadios que andavam soltos de canga e corda, comendo as negras do pai como pais-d'égua. E os filhos de Manuel César do Taipu? Tinham ido para os estudos, eram doutores. Seriam dignos para Amélia? Não seriam. (...) Para vê-la casada com um daqueles animais, ele preferia que ficasse toda a vida com ele. (REGO, 1987, p. 598-599)

Diante desse trecho notamos primeiramente que se trata de uma família possuidora de bens, pois a filha estudara e os pretendentes que o pai quer arranjar devem ser pessoas estudadas. Em seguida percebemos a preocupação do pai em deixar a filha com uma pessoa que a ame, seja educado e possa lhe dar tudo que necessita. Para o pai, porém, as pessoas da região não são boas o suficiente, e por isso é preferível que a filha fique solteira a se casar com qualquer um deles. Mas a primeira filha já se encontrava em tal situação, não encontrara um marido, e isso deixava o pai muito entristecido, sem entender o que havia de errado com uma filha estudada, prendada que era, e sem um pretendente. A mulher, dessa forma, acabava sofrendo duplamente, de um lado pela sociedade que esperava vê-la casada e do outro pela sua família que, ficando sempre a procura do melhor, impedia-a de se casar.

O caso acima citado é da família do coronel Tomás e suas duas filhas Olivia, que não se casara e por isso adquirira alguns problemas mentais, e Amélia, que já triste por

não conseguir se casar acaba por fim em matrimônio com seu primo do Recife, o Lula. Um casamento de família rica, muito desejado pelo pai, pois o primo era estudado, cheio de etiqueta e educado. Assim, podemos supor, como já havia observado Falci, que o casamento entre Amélia e seu primo, ou seja, entre pessoas de estirpe se acertava mais como um acordo, um “compromisso familiar”. A festa de casamento chegava a durar dias, com muita comida, moças cantando ao piano e os parentes distantes geralmente ficavam hospedados na casa da família.

Já o casamento em uma família pobre normalmente não era arranjado ou tinha dote. A festa, também com muita música, comida e festejo, se realizava quando o casal possuía uma “roupa domingueira” e um local para morar. “Pedir a mão da moça antes de ter essas coisas seria receber um não na certa, mesmo porque o “matuto” não gostava de morar com outra família (cunhado ou sogra)” (FALCI, 1997, p. 263). Dessa mesma forma, como podemos perceber em alguns relatos citados por Falci, casar as filhas era sempre uma festa para a família porque já havia reservado um futuro para elas e, vistas como uma carga, agora seriam sustentados por seus maridos e não mais pelos pais. O mesmo não acontecia quando um homem ia se casar. Os pais tendiam a ficar mais tristes, pois segundo eles o filho deixaria de ajudar na casa dos pais para sustentar a sua própria (FALCI, 1997, p. 264). Notamos essa percepção em *Fogo Morto* quando José Amaro se reclama por não ter tido um filho homem para passar os ensinamentos de sua profissão ao mesmo tempo em que se lamenta pelo futuro incerto da filha sozinha e com fraquezas mentais. Para José Amaro, assim como para qualquer pai, mesmo aqueles que não possuíam muitos bens, não ter um filho era não ter uma pessoa para carregar o nome da família, um herdeiro que levasse a profissão que deu sustento a família à frente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar as personagens apresentadas por José Lins do Rego em seu livro *Fogo Morto* se constitui em um desafio pelas diversas causas que perpassaram a época em que sua obra está situada e interferiram diretamente no comportamento delas. Aqui

buscamos observar os comportamentos mais visíveis que transformaram as práticas referentes ao casamento, os relacionamentos familiares e suas reações diante da ausência de um marido. As mulheres de seu livro quando não permanecem solteiras conseguem um casamento com alguma dificuldade. E essas dificuldades foram traçadas envolvendo principalmente a relação dos pais com a filha na busca de um pretendente a altura. Mas também podemos perceber que a questão da decadência vivida nos engenhos se mostra como um ponto importante a ser observado e que provavelmente interferiu nos casamentos. Tais interferências também podem ser vistas não somente nas famílias abastadas da sociedade açucareira, mas também em famílias pobres, apesar de não ter sido o caso de Marta, pois ela nem ao menos chegou a possuir um pretendente.

Neném, por exemplo, é outro caso muito interessante para ser estudar. Seu pai, Lula, alimentara desde o nascimento dela um amor bastante intenso, cheio de mimos e carinhos, fazendo D. Amélia se questionar se esse não deveria ser o seu papel. Quando Neném fora estudar fora as trocas de cartas com ele era intensa e nas suas voltas dedicavam vastos tempos a conversarem. Essa relação, contudo, foi abalada quando a garota chegou à idade de se casar e o seu pai não aceitava os pretendentes que aparecia, ou que a filha gostava. Lula ficou distante, cabisbaixo, chegando mesmo a não querer conversa. Lula era mais um pai que considerava sua filha uma garota muito educada para os supostos pretendentes da região.

Dessa forma, tentamos analisar como o autor constrói as personagens femininas e sua relação com a época, as transformações sociais, econômicas e políticas que se configuravam. A instituição do casamento foi obrigada a se transformar, as mulheres tiveram de conviver com uma nova postura ou resistirem ao que a sociedade estava lhe impondo e os homens tiveram de buscar novas formas para contar tais dificuldades.



REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIDDENS, Antony. **A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas.** Trad.: Magda Lopes. São Paulo: Editora Universidade Paulista, 1993.

PESAVENTO. Sandra Jataí. **Com os Olhos de Clio ou a Literatura sob o Olhar da História a partir do Conto O alienista de Machado de Assis.** In.: Revista Brasileira de História. V.16, nº 31 e 32, pp. 108-118; 1996.

REGO, José Lins do. **Fogo Morto.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S/A, 1987.

FALCI, Miridan Knox. **Mulheres do Sertão Nordestino.** In.: PRIORE, Mary Del. Histórias das Mulheres no Brasil. 2ed. São Paulo: Contexto, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade.** Trad.: Renato Aguiar. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Trad.: Tomas Tadeu da Silva, Guaraeira Lopes Louro. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.